

Cavaleiro Eleito dos Quinze - Grau 10°

Rizzardo da Camino

O Grau Dez complementa o Grau precedente, eis que a Lenda de Hiram Abif esclarece o fim dos outros dois assassinos.

Seis meses haviam transcorrido do evento que envolvera a captura e morte de Abiram.

O rei Salomão, preocupado, não conseguira pista alguma sobre o paradeiro dos demais assassinos.

Um dos intendentos de Salomão, chamado Bendecar (ou Bengaber), compareceu à presença do rei e lhe comunicou ter descoberto o paradeiro dos dois Companheiros trãsfugas.

Certos Rituais informam que Bendecar apresentara-se como estrangeiro; na realidade, ele poderia sê-lo, pois, como já referimos, a quase totalidade dos construtores do Templo haviam sido recrutados dos países vizinhos.

Bendecar teria sido filisteu e conhecedor de região de Ghet, onde reinava Maacha.

A História Sagrada nos informa a respeito das contínuas incursões de Israel na região de Ghet, submetendo e castigando os filisteus, eternos inimigos dos judeus; na época, contudo, reinava relativa paz entre os vizinhos, eis que Salomão cuidara de um período longo de tranqüilidade para dedicar-se por inteiro à construção do Grande Templo; para erguer o Santuário não poderia haver má vontade entre os homens, porque se tratava de uma obra dedicada a Jeová, com todo esforço e amor.

Salomão estava preocupado porque não se encontravam os assassinos; fizera embalsamar a cabeça de Abiram que no Grau Dez passa a ser denominado de "Akirop"; enfiou-a sobre uma haste e a colocou no recinto do Conselho; também o esqueleto do assassino fora conservado e colocado no Oriente- o Malho usado para golpear a Hiram Abif foi envolto em um crepe negro; eram os símbolos que advertiam de que os cruéis assassinos encontravam-se soltos e, portanto, constituindo um perigo latente para todos.

Salomão deu atenção a Bendecar encarregando-o de todas as diligências e solicitou o auxílio de Maacha, o qual, prontamente, atendeu os desejos do poderoso e temido rei Salomão, fazendo publicar éditos com as característica dos assassinos.

No povoado de Ghet houve informações de que os assassinos estavam trabalhando em construções.

Salomão, logo que foi posto a par da notícia, enviou quinze Mestres de sua melhor confiança, entre os quais encontravam-se os nove primeiros enviados à caverna em Jopa. Os quinze Mestres foram escoltados, para maior segurança.

Saíram, os Cavaleiros Eleitos dos Quinze, a cavalo, no dia 15 do mês hebraico de Tamouth, que corresponde ao mês de junho de nosso calendário, chegando após 13 dias de jornada, ao país de Ghet.

Apresentaram-se a Maacha que imediatamente colocou-se à disposição do grupo, auxiliando-o na busca dos criminosos; cinco dias após, foram encontrados, tendo sido presos e acorrentados.

De retorno a Jerusalém, chegaram no dia 15 do mês seguinte, tendo Zerbal e Joabem feito entrega, pessoalmente, a Salomão, dos dois criminosos.

Os assassinos foram encarcerados na Torre de Achisar, onde aguardaram o julgamento.

Submetidos a julgamento, forem condenados à morte e ^{as} 10 horas da manhã do dia fixado para a execução foram retirados da prisão, atados a dois postes, despidos e amarrados os seus braços para trás.

O verdugo lhes abriu o ventre, desde o peito até o púbis, deixando-os assim, pelo espaço de 8 horas, a fim de que os insetos viessem torturá-los.

Às 18 horas lhes cortaram as cabeças e juntaram-na à de Abiram colocando-as em hastes e expostas na porta do Oriente, jogando seus corpos sobre as muralhas para que servissem de alimento aos abutres e feiras.

* * *

A constante da filosofia maçônica tem sido o "castigo", não como resultado de uma vindita, mas sim, de um julgamento; sempre, em qualquer Grau, surge esse aspecto que não pode passar sem ser comentado.

O desequilíbrio, a desobediência, a falta de conhecimento, conduzem fatalmente a conseqüências desastrosas; indubitavelmente, o "castigo" apresenta gradações; os próprios códigos especificam e justificam essas gradações Etimologicamente, "castigo" é um vocábulo composto, que significa "purificar"; sua raiz é a "castidade", ou seja, a "pureza"; uma pessoa "casta" ou seja "pura"; a língua latina à muito rica nessas expressões que a primeira vista apresentam um significado totalmente contrário. "Castigar" significa limpar de uma ação nociva, posto que essa operação conduza à morte.

A decapitação e a dispersão do corpo para que os abutres se alimentem é a forma de que a matéria retorne à Natureza para o equilíbrio ecológico; os tibetanos não só destacam as carnes do corpo, como trituram os ossos, para que os pássaros ingiram a sua totalidade.

Somente os egípcios tinham uma concepção diversa porque acreditavam na ressurreição do corpo.

A Maçonaria faz da morte um mito e preocupa-se em apresentá-la como uma etapa que não é final, mas um passo inicial para a Vida Futura; aquele que cometeu falta grave e que mereça punição, simbolicamente a morte, como no caso de uma "expulsão", estará purificando-se para que ao ingressar na Vida Futura o faça como ser vitorioso, sem mácula.

Os eleitos, dentro da concepção maçônica, serão os puros em todo sentido. Os justificados, em suma, os "santos", no entendimento de "sancionados", ou seja, escolhidos.

O abutre é uma ave que habita algumas regiões européias, africanas e asiáticas; não existe na América. É o *Vultur-monachus*, chamado vulgarmente, de "pica-ossos", pois além de comer a carne putrefata, pica os ossos e os ingere.

A espécie brasileira é o urubu, da família das "Catarditas", é comedor de carne mas não tritura os ossos.

O aspecto curioso diz respeito à ação conjunta dos Cavaleiros, porque em Maçonaria nada é feito individual e isoladamente; mesmo a mística que supõe um comportamento exclusivo do ser, necessita de companhia, eis que a solidão conduz a pensamentos negativos.

O comportamento social altera-se de tal forma, que o homem isolado torna-se egocêntrico, intratável e "fechado", no sentido de não obter alargamento no campo do conhecimento.

Na Iniciação, todos nós apreendemos que iniciamos a construção do próprio Templo, armazenando as pedras dos alicerces até que, concluído o período maçônico, quando chegarmos "a termo", nos encontraremos dentro de um Templo, perfeitamente acabado.

De que vale, porém, nos encontrarmos dentro de um Templo vazio, sem a oportunidade de repartirmos com outros, o resultado do misticismo, da comunhão e das bênçãos recebidas do Alto?

Quando um Maçom se encontra isolado, não poderá exercitar o que a Instituição

Ihe ensina; um Maçom isolado não represente a Maçonaria, daí a necessidade imperiosa de os Maçons reunirem-se em Loja, eis que no recinto sagrado cada um abrirá os portas de seu próprio Templo, para dar ingresso aos demais e nos Templos desses "demais" que serão nosso "próximo", teremos a oportunidade de, também, ingressar.

Então, a soma dos Templos constituirá um Grande Tempo da Natureza que abarca os aspectos múltiplos, da espiritualidade, da mentalização, da magia e do misticismo.

A Loja denomina-se de Capítulo. O Presidente tem o título de Ilustre Mestre.

O Primeiro Vigilante representa Hirão, rei de Tiro e é denominado de Grande Inspetor: o Segundo Vigilante representa Adoniram e toma o título de Introdutor.

Uma das peculiaridades do Grau é de que não podem assistir aos trabalhos, senão, quinze Irmãos.

O Grau 10 pode ser ministrado por comunicação ou por Iniciação.

A Loja representa a Câmara de Audiência do Rei Salomão, e a sala onde se celebram as sessões do Grau representa a Sala do Conselho.

A Loja é revestida com cortinas negras semeadas com lágrimas roxas e brancas; em certos Rituais, essas lágrimas são vermelhas e brancas.

O recinto é iluminado por três candelabros de cinco luzes cada um, colocados sobre os Altares do Presidente e dos Vigilantes.

No Oriente, sob o sólio, um quadro, símbolo do Grau, figurando uma cidade quadrada com três portas e em cima de cada uma delas, uma cabeça humana.

O Avental em tecido branco orlado em negro; a Abeta em negro; no centro, três Arcos e sobre cada um, uma cabeça ensangüentada.

A Faixa é negra, pendente um punhal vermelho; na face direita, três cabeças humanas.

Sobre a mesa do Presidente são colocados uma Espada, um ramo de oliveira e as insígnias destinadas aos Neófitos.

Embora, apenas, quinze pessoas devam tomar parte nos trabalhos, há lugares destinados aos visitantes e pelos Irmãos que excederem o número.

O Painel da Loja é em formato de escudo, com bordos azul-escuro, tendo em seu interior, na parte inferior um Punhal em forma de pequeno sabre, no sentido horizontal, da esquerda para a direita, encimado por três manchas de sangue, tendo por baixo outras cinco.

Na parte central, em quase toda a sua extensão, uma Fortaleza, em forma de triângulo, tendo sua entrada na parte da frente, em forma de duas Torres, armadas na extremidade.

No outro raio do Triângulo, uma Porta, descoberta, maior que a primeira; na parte superior, nove manchas de sangue, sendo uma por sobre a Porta da Fortaleza e as demais, distribuídas em cada lado de cima para baixo.

Orienta o Ritual que os trabalhos do Grau 10 resumem-se em:

1º: Colocar-se à frente de seus concidadãos para educá-los e orientá-los, procedendo com extraordinária atenção, dissipando as cegueiras da ignorância que envolvem as camadas inferiores da Sociedade, até se conseguir que seja pronunciado com respeito e gratidão o nome daquele que se propõe a servir à coletividade com abnegação e zelo, proporcionando-lhe bem-estar e tranqüilidade.

2º: Estudar a conveniência das relações internacionais, tanto maçônicas como profanas e as condições necessárias para o bom desempenho dos cargos de Representantes e Embaixadores.

3º: Ter sempre presente que o mau proceder não esconde a impunidade, porque o Supremo Juiz, que chamamos Consciência, cedo ou tarde o castigará.

A idade do Grau é 25 anos, 5 vezes 5.

A abertura dos trabalhos é na sexta hora da noite, o encerramento, na hora do

retorno dos quinze Cavaleiros a Jerusalém.

Questão de ordem:

P. Sois vós Ilustre Eleito dos Quinze?

R. Devo-o ao meu zelo e ao meu trabalho.

P- Qual é o vosso nome?

R. Emeth.

R- O que significa?

R- Homem da verdade.

P- Onde fostes recebido?

R- Na câmara de Audiência do Rei Salomão.

P. Por que méritos?

R. Pela minha participação ativa na descoberta dos dois infames assassinos.

Procede-se à abertura da Câmara de Audiências de Salomão, no forma convencional, isto é, abrindo-se o Livro Sagrado, estando todos de pé; o Orador segura o Livro já aberto no lugar apropriado, segurando-o com ambas as mãos, fazendo a leitura que se encontra no Livro das Crônicas I, capítulo 22:7-10:

"Disse Davi a Salomão: Filho meu, tive intenção de edificar uma Casa ao nome do Senhor meu Deus. Porém, a mim me veio a Palavra do Senhor dizendo: Tu derramaste sangue em abundância e fizeste grandes guerras; não edificarás Casa ao meu nome; porquanto muito sangue tens derramado na terra, na minha presença.

Eis que te nascerá um filho que será homem sereno, porque lhe darei descanso de todos os seus inimigos em redor; portanto, Salomão será seu nome; paz e tranqüilidade darei a Israel nos seus dias. Este edificará Casa ao meu nome; ele me será por filho, e eu serei por Pai, estabelecerei para sempre, o trono de seu Reino sobre Israel".

Após a leitura, o Orador Colocará o Livro Sagrado em cima do Altar, repousando sobre o mesmo o Compasso aberto em 45° colocado sobre o Esquadro, na posição do Grau de Mestre Maçom.

Segurar o Livro Sagrado com ambas as mãos, é sinal não só de reverência, como de alerta, pois os dez dedos das mãos estarão a dizer do Grau 10 e que todos os sentidos estão alerta para o ato de leitura.